

6

Considerações Finais

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

Fernando Pessoa

Com todas as transformações que vêm ocorrendo desde o início da década de 90 no mundo do trabalho, o Serviço Social também sente os reflexos dessas mudanças no cotidiano de sua prática profissional. Certamente essas transformações também se refletem no ensino do Serviço Social, o que exigiu e exige alterações no currículo do curso.

Criadas em 1996, as Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social se referem ao perfil de bacharel em Serviço Social como um profissional que atua nas expressões da questão social, formulando e implementando propostas para o seu enfrentamento, por meio de políticas sociais públicas, empresariais, de organização da sociedade civil e movimentos sociais. Também como um profissional dotado de formação intelectual e cultural generalista crítica, competente em sua área de atuação, com capacidade de inserção criativa e propositiva no conjunto das relações e no mercado de trabalho, comprometido com os valores e os princípios norteadores do Código de Ética do Assistente Social.

Dessa forma, busca-se fortalecer a formação de um profissional criativo e propositivo que tenha competência e agilidade na pesquisa e no desvendamento da realidade, apreendendo a dinâmica dos processos sociais na sua totalidade. Nesse aspecto, espera-se a superação da visão fragmentada e determinada unicamente pelos interesses da instituição na qual o assistente social está inserido.

Ao propor estudar “A Supervisão e o Estágio na Formação Profissional do Assistente Social: um estudo junto aos supervisores de campo do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio” partiu-se do pressuposto de que o estágio é um dos espaços privilegiados, integrante e essencial na formação profissional do assistente social, pois é o lugar onde o aluno exercita e reflete sua prática

profissional desenvolvendo sua capacidade teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, bem como é o lugar onde a sua identidade profissional é gerada, a partir do momento em que se reconhece como profissional. Nesse espaço, a supervisão de campo caracteriza-se como um momento coletivo de ensino-aprendizagem, no qual supervisor de campo e aluno estagiário, como sujeitos do processo de formação profissional, através do diálogo, da troca, da partilha, da observação, da autonomia, da sistematização e da reflexão constroem conhecimentos e competências para o exercício da profissão.

Sob a ótica dos supervisores de campo do Departamento de Serviço da PUC-Rio, a supervisão é concebida como um processo de ensino-aprendizagem, no qual, na medida em que o supervisor de campo orienta e acompanha o aluno estagiário nas atividades realizadas durante o estágio, este também aprende. Há, portanto, uma relação de trocas mútuas na qual o supervisor ensina, mas ele aprende com o aluno estagiário; o aluno estagiário aprende, mas ele também ensina para o supervisor, dada as individualidades e as experiências vivenciais diversas de cada um, coletivizadas.

Enquanto atribuição privativa e parte integrante do processo de trabalho dos profissionais entrevistados, a supervisão foi considerada por alguns dos entrevistados como imposição da própria instituição campo de estágio que na impossibilidade de contratar novos profissionais, contratam estagiários para realizar atividades que seriam de um profissional.

Esta situação esbarra na qualidade do estágio e da supervisão, visto que em alguns casos os profissionais não se sentem preparados para exercerem a função de supervisores, pois na visão de alguns não há uma preparação formativa para o exercício da supervisão, nem no período da graduação e nem depois, como profissionais, haja vista que fica na sua responsabilidade e compromisso pessoal de buscar uma capacitação continuada.

As referências à preparação para o desempenho do processo de supervisão indicaram que os profissionais têm buscado uma preparação através de leituras de artigos e livros sobre o tema e/ou discussão com outros profissionais, ou ainda da participação em cursos para supervisores promovidos esporadicamente pelo CRESS ou pela UFRJ, o que, embora importante, ainda se mostram insuficientes às necessárias apropriações dos debates teóricos que demarcam o projeto ético-

político profissional e ao desenvolvimento dos procedimentos didáticos inerentes à operacionalização da atividade da supervisão.

Os supervisores de campo informaram que, ao realizarem a supervisão, buscam garantir um acompanhamento mais próximo dos estagiários, que nem sempre é possível, devido à falta de tempo por conta da gama de tarefas que precisam cumprir na instituição. Portanto, quando a realizam têm como estratégia pedagógica de ensino-aprendizagem a supervisão de grupo por compreenderem que este modo de operacionalização possibilita o desenvolvimento e a construção de novos conhecimentos entre os estagiários, na medida em que compartilham suas experiências, ideias e dúvidas, contribuindo para a descoberta de novas propostas para problemas constatados na prática e também para o desenvolvimento de certas habilidades necessárias para o trabalho em grupo ou em equipe. Ao utilizar-se de textos, artigos, material do cotidiano da instituição, questões do dia a dia, exemplos teóricos, etc. que tanto podem ser apresentados pelos estagiários ou pelos próprios supervisores, buscam priorizar no processo de formação profissional do aluno-estagiário competências e habilidades que reafirmam o perfil de profissional exigido na atualidade, qual seja, um profissional competente em sua área de desempenho, que saiba utilizar-se da instrumentalidade para responder às demandas da sociedade, às requisições socioinstitucionais e às finalidades profissionais (competência técnico-operativa). Contudo, chama atenção a pouca valorização de outras competências relacionadas às dimensões teórico-metodológica e ético-política conforme são apresentadas nas Diretrizes Curriculares.

Os supervisores de campo enfatizaram o distanciamento existente entre eles e a Coordenação de Estágio, bem como com o supervisor acadêmico, uma vez que as reuniões oferecidas pela Coordenação de Estágio são vistas, por eles, como único meio de aproximação. No entanto, na maioria das vezes há pouca adesão às reuniões por parte dos supervisores que justificam o não comparecimento, pela falta de tempo, falta de oportunidade, muitas demandas institucionais, entre outras. Por outro lado, a Coordenação de Estágio não tem outra sistemática de aproximação, apenas o envio de convites para eventos gerais que acontecem na universidade e em eventos do próprio Departamento de Serviço Social, convites por parte dos professores das disciplinas, para que alguns supervisores apresentem em sala de aula, em dia e horário marcado com antecedência, sua prática

institucional, bem como, convites direcionados aos supervisores de campo dos alunos do último período do curso para participação na banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No entanto, essas tentativas de aproximação também esbarram em fatores já apontados para justificar o não comparecimento nas reuniões e se mostram insuficientes para a articulação entre todos os envolvidos no processo: professor, supervisor, aluno e coordenador de estágio, apontando para a necessidade de maior articulação entre os mesmos, o que também é reconhecido pela Coordenação de Estágio do Departamento.

Desse modo, superar este distanciamento ainda é um grande desafio, não somente para os supervisores de campo os quais chamam a atenção para a necessidade da unidade de ensino se aproximar, conhecer os campos de estágio, e o modo como vem sendo realizada a supervisão dos alunos estagiários, mas também para a Coordenação de Estágio que ainda apresenta frágeis decisões objetivas para enfrentar esta realidade. Portanto, não seriam apenas os supervisores que deveriam se deslocar até a unidade de ensino para participar das reuniões, a unidade de ensino deveria também se fazer presente nas instituições campo de estágio. Cabe argumentar que não só se fazem necessários conhecimentos no campo formativo, mas articulação entre os diferentes espaços, conhecimentos e ações, pois, é primordial a interlocução de todos os sujeitos envolvidos nesse processo para que juntos possam construir o “novo caminho” do estágio e da supervisão na formação profissional do assistente social.

Ao término deste trabalho, percebe-se, a importância e a necessidade para a capacitação para o exercício da supervisão, de modo que já na graduação o aluno tenha não somente a compreensão da sua função enquanto estagiário, mas como futuro supervisor. E para os profissionais que já são supervisores se faz necessário promover uma capacitação continuada, focando principalmente na dimensão pedagógica da supervisão de estágio, para que possa acompanhar a dinâmica da realidade e as alterações no projeto de formação profissional, bem como a relação com a unidade de ensino e a incorporação desta atividade em seu processo de trabalho.

O estudo realizado não pretendeu esgotar o assunto, mas ampliar o debate e levantar questões que possam subsidiar novos estudos a respeito de um tema ainda tão pouco explorado da formação profissional: a supervisão de campo.